

# FERNANDO DA SILVA CORREIA: MEMÓRIA E IDENTIDADE ATRAVÉS DO SEU ARQUIVO

JOANA BEATO RIBEIRO

## INTRODUÇÃO

O arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, nome que tem sido dado ao conjunto documental que está hoje na posse da associação Património Histórico – Grupo de Estudos (PH), com sede nas Caldas da Rainha (Portugal), representa uma parte dos bens que Fernando da Silva Correia e a sua família teriam produzido, acumulado e recepcionado durante a sua existência.

Este médico, que viveu entre 1893 e 1966, é hoje conhecido maioritariamente em alguns meios académicos e está principalmente associado às suas investigações nas áreas da história da medicina e da assistência ou da medicina social e saúde pública. No entanto, além de director (1946-1961) do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge (ISHRJ), acumulou um conjunto de outros cargos relevantes, produziu obras de cariz ficcional e também interveio em diferentes aspetos socioculturais da sua sociedade, o que o fez integrar o conjunto de médicos-escritores ligados à cultura no século XX.

O referido conjunto documental tem uma história própria, que abordaremos, e tem constituído o principal objecto de estudo de vários trabalhos desenvolvidos desde 2017, os quais permitiram constituir um projecto de investigação que o aborda a partir de três perspectivas que se complementam: 1. a da ciência da informação, em especial relação com a arquivística histórica; 2. a da história da ciência/da medicina; e 3. a dos estudos de património. Esta conjugação multi-inter e transdisciplinar destas áreas responde a uma necessidade de constituir abordagens que melhor conjuguem as problemáticas actuais, algo que

os encontros do Colóquio Internacional A Medicina na Era da Informação (Medinfor) preconizou nas suas edições anteriores.

Assim sendo, o presente capítulo é composto por uma primeira parte, em que serão traçados alguns aspetos da história custodial do arquivo; um segundo momento, em que se dará a conhecer uma parte da documentação que este encerra, enquadrando-a no momento da vida de Fernando da Silva Correia em que foi produzida e demonstrando parte do contributo que este pode auferir à história da ciência e da medicina; e, por fim, tendo em conta os pontos anteriores, justificar-se-á como este conjunto constitui um património e pode ser divulgado no sentido de aprimorar a memória e identidade científicas do século XX.

## **“MAIS CEM, CEM ASSUNTOS!”:<sup>1</sup> FERNANDO DA SILVA CORREIA E O SEU ARQUIVO**

Quando faleceu, a 19 de dezembro de 1966, Fernando da Silva Correia deixou um património documental que ainda não podemos definir assertivamente, mas que abrangia o conjunto documental existente no PH e também uma extensa biblioteca, que conhecemos hoje através do catálogo elaborado para o seu leilão. (OLIVEIRA, 1969)

Figura 1 – Fernando da Silva Correia



Fonte: Correia (1995).

Tal como já foi referido, o conjunto que recebeu o nome do seu produtor principal tem sido o objecto de estudo de vários trabalhos académicos (e não só) realizados desde 2017.

---

<sup>1</sup> Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Natália Correia Guedes, 3 de fevereiro de 2018. (RIBEIRO, 2018, p. xxii–xxiv)

Actualmente, mantém esse estatuto no âmbito do projecto de doutoramento em História (especialidade de Arquivística Histórica) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-NOVA). Este projecto, com objectivos, metodologias e problemáticas próprias, constituiu-se na sequência do trabalho de projecto para obtenção do grau de mestre em Património na mesma faculdade, terminado em 2018. O trabalho de projecto *“Há correias que imprimem movimento”: o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)* procurou firmar as bases do projecto de investigação hoje em curso através de: 1. um estudo biográfico dos seus vários produtores; 2. uma primeira análise da sua história custodial; e 3. o início do seu tratamento arquivístico segundo o modelo sistémico adaptado a esta tipologia de arquivo. (SILVA, 2004)

E que primeiras conclusões produziu esse trabalho? Em primeiro lugar, estabeleceu vários dados iniciais sobre o conjunto documental: contém cerca de 13 mil documentos e compreende um vasto período cronológico, entre as décadas de 1850 e 1970 (dado suficiente para mostrar que ultrapassa a vida de Fernando da Silva Correia, inicialmente indicado como seu exclusivo produtor). A maior parte da documentação foi produzida em três âmbitos: académico/científico, profissional e literário, com origem geográfica em dois locais principais: Caldas da Rainha e Lisboa.

Em seguida, através da elaboração da história custodial, percebeu-se que este conjunto documental chegou ao PH em 1993, através de um depósito não oficial feito pela sobrinha deste médico, a Dr.<sup>a</sup> Natália Correia Guedes, e que somente em 2015, quando a associação mudou de sede, foi doado. Além da caracterização dos lugares de custódia (a família e o PH), o trabalho de projecto analisou os instrumentos de descrição documental, criados em tratamentos arquivísticos anteriores. O primeiro deles foi conduzido pela Dr.<sup>a</sup> Paula Cândido entre 1993 e 1999, enquadrando-se no período de desenvolvimento da ciência da informação, e constituiu um estudo de caso bastante actualizado. (CÂNDIDO, 1999) E num segundo tratamento, a descrição arquivística foi reiniciada (devido à perda de praticamente todo o trabalho anterior) pela Dr.<sup>a</sup> Joana Vitorino; no entanto, esse trabalho elaborado entre 2015 e 2017 ficou incompleto e, em termos de classificação, implicou um retrocesso em relação ao anterior.

O referido trabalho de projecto terminou com a elaboração de uma proposta de quadro orgânico-funcional que, à semelhança do que a Dr.<sup>a</sup> Paula Cândido reconheceu, se revelou “um desafio face à complexidade e heterogeneidade” do arquivo. (CÂNDIDO, 1999, p. 10) A proposta elaborada teve em conta os vários (sub)sistemas de informação pessoais que também o compõem, daí que se tenha estabelecido a sua dupla condição de pessoal e familiar. (SILVA, 2004, p. 81) O quadro materializa uma adaptação das “quatro etapas evolutivas”, já que nesta análise se pretende evidenciar que são escassos os elementos que remetem

para a infância de Fernando da Silva Correia e, pelo contrário, se opera uma mudança na sua vida, quando em 1961 deixou de trabalhar e se dedicou exclusivamente à investigação. (SILVA, 2004, p. 79)

Foi a partir deste trabalho que se formulou o projecto de investigação em curso, “Identidades científicas: o património documental de Fernando da Silva Correia (1893-1966)”, que tem como objectivos: 1. concluir o tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia; 2. analisá-lo, assim como ao seu principal produtor, através da história da ciência e da medicina, numa abordagem que privilegie a construção de identidade e património científicos; e 3. elaborar um programa de valorização e difusão deste património documental, científico e cultural.

Cada um destes objectivos plasma uma das áreas de investigação mencionadas anteriormente: 1. a ciência da informação e a arquivística histórica; 2. a história da ciência/da medicina; e 3. os estudos de património. E até agora a pesquisa bibliográfica e a investigação têm procurado essencialmente compreender o contexto em que este trabalho se desenvolve, tanto no que diz respeito ao estudo sobre Fernando da Silva Correia, a sua família e o seu arquivo como ao estado da questão dos arquivos familiares e pessoais, especialmente em Portugal e, neste último caso, sobre os arquivos de cientistas e médicos, em particular, como se perceberá de seguida.

Figura 2 – Vista da sala de arquivo da associação PH – Grupo de Estudos



Fonte: elaborada pela autora (2020).

## O ARQUIVO EM MOVIMENTO: EDIFICADOR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE CIENTÍFICAS

Encarar este arquivo enquanto património documental, científico e cultural implicará perceber como é que ele próprio e o seu principal produtor são testemunhos de uma determinada memória e identidade científicas, que hoje é necessário resgatar e difundir através, por exemplo, de um programa de valorização que espelhe as suas características e se adapte às suas especificidades. Neste sentido, o tratamento e o conhecimento do arquivo serão fundamentais para definir uma análise historiográfica que confirme os aspetos em que a documentação é portadora de um importante testemunho, neste caso, para a história da ciência. E só assim este projecto alcançará o contexto científico em que foi constituído o objecto de estudo e mostrará de que forma a sua informação o reflecte.

Para entender melhor o papel que é hoje conferido aos arquivos pessoais e familiares, tendo em conta o contexto de investigação mencionada anteriormente, vale a pena incluir aqui algumas das ideias centrais na investigação em curso. Estes arquivos surgiram nas investigações em arquivística na segunda metade do século XX, em especial nas últimas duas décadas, altura em que esta última área se (re)definia como ciência de informação. (SILVA et al., 1999) No mesmo período, os historiadores procuravam novas fontes, capazes de responder a um “interesse pelo próximo”<sup>2</sup> (BORJA DE AGUINAGALDE, 2017, p. 599-601), ou seja, de os elucidar sobre aspetos mais quotidianos da vida pessoal, familiar ou social dos indivíduos e, conseqüentemente, sobre a biografia ou prosopografia dos estudados. Foi nesse âmbito que os arquivos familiares e pessoais se destacaram, também como parte integrante do panorama arquivístico de cada sociedade de acordo com a sua própria evolução, salientando-se ora a família, ora o indivíduo, consoante a sua condição e presença nos conjuntos documentais. (GUEDES, 2017; PEREIRA, 2018; RODRIGUES, 2017; ROSA et al., 2019)

Foi no seio das novas correntes arquivísticas (*Archival turn* e *Tournant documentaire*) que, no contexto português, se afirmou a arquivística histórica, uma área interdisciplinar que pretende “estudar a produção informacional das instituições e a sua transformação em documentos e arquivos”, ou seja, não limitando ao arquivo preservado a sua investigação. (ROSA, 2017, p. 550-551) Qualquer estudo desenvolvido neste âmbito vai permitir, por um lado, conhecer historicamente de forma muito mais aprofundada uma instituição, família ou indivíduo e, por outro, preparar mais solidamente o tratamento arquivístico da informação, tendo por base a sua ordem original, ou seja, a sua produção.

---

2 “interés por lo próximo”.

À medida que o estudo destes arquivos se foi aprofundando, os autores passaram a tratar separadamente os arquivos familiares e os pessoais, e também entre estes se foram encontrando especificidades, sendo os arquivos de cientistas e médicos aqueles que aqui mais importa salientar. Os encontros Medinfor têm tratado em particular os arquivos de médicos, mas numa escala mais alargada, estes podem enquadrar-se nos de cientistas, que tanto em Portugal, como no Brasil têm sido alvo de várias investigações.

O projecto “SiS Médicos e a Cultura”, de Zeny Duarte, foi constituído com o objectivo de “disseminar novos conhecimentos a partir do resgate e divulgação desses acervos, com inserção de dados em plataformas digitais”. (DUARTE; SILVA, 2014, p. 405) Dele tiveram origem os encontros Medinfor e as publicações *A medicina na era da informação* (DUARTE; FARIAS, 2009) e *Medicina e Informação: olhares luso-brasileiros* (PESTANA; RIBEIRO; SILVA, 2014), que, entre outros aspectos, exploram a presença de arquivos e bibliotecas de médicos em diferentes instituições dedicadas à preservação arquivística e documental e, claro, como é que esta tarefa tem contribuído para a salvaguarda da memória que a estes conjuntos está associada, de médicos que, “além das práticas clínicas, se dedicaram ou se dedicam a lançar um olhar literário sobre o homem e a sociedade”. (DUARTE, 2014, p. 6)

Aos diferentes casos de estudo aí abordados, podem ser associados outros de que é exemplo o trabalho apresentado por Assunção Júdice e Teresa Cunha sobre o arquivo de Reinaldo dos Santos no encontro Arquivos Científicos, que teve lugar em Lisboa, em 2014,<sup>3</sup> ou, já em 2017, outros trabalhos apresentados no I Encontro dos Museus e Instituições de Ciência e Ciências da Saúde da Área Metropolitana de Lisboa.<sup>4</sup> No caso português, deve também mencionar-se o Arquivo Ciência e Tecnologia, com documentação institucional e “espólios pessoais”. (ROLLO et al., 2012)

No caso brasileiro, além de inúmeros estudos empreendidos para analisar os arquivos pessoais, revelou-se especialmente pertinente o trabalho de Maria Celina Silva sobre os arquivos de cientistas. No seu artigo com Márcia Trancoso, na revista *Manquinhas*, é abordado, em especial, “o estudo da tipologia documental em arquivos pessoais de cientistas e sua importância para a pesquisa em história da ciência e para o trabalho do arquivista”. (SILVA; TRANCOSO, 2015, p. 849) Além de ilustrarem bem a diversidade de informação que compõe estes conjuntos, responsável pela difícil “identificação da atividade produtora

---

3 Mais informações sobre o encontro e esta apresentação em: <https://arquivoscientificos.wordpress.com/comunicacoes/>. Um outro trabalho sobre o arquivo deste médico foi elaborado por Sara Silva (2014).

4 Site do encontro: <https://patrimoniocienciasaude2020.home.blog>.

do documento” (SILVA; TRANCOSO, 2015, p. 849), neste artigo as autoras explicam quais os motivos para que os investigadores de história da ciência procurem estes arquivos, qual a sua (mais comum) proveniência, e também desvendam parte das suas tipologias: “documentos produzidos por sua atividade científica, ou seja, fruto de seu trabalho, que os produzidos pelas atividades relacionadas à sua vida privada”. (SILVA; TRANCOSO, 2015, p. 851) Christopher Booth, Julia Sheppard e E. M. Tansey, em 1990, consideravam o século XX como de grande interesse para a História do Homem e viam valor de testemunho nos arquivos de cientistas, que incluíam: “trabalho publicados e documentos de instituições públicas”, “a valiosa informação contida na correspondência, diários e – particularmente – cadernos de notas originais de laboratórios dos cientistas”.<sup>5</sup> (BOOTH; SHEPPARD; TANSEY, 1990, p. 1408, tradução nossa)

A dinamização das fontes para a escrita da história proporcionou o aparecimento de novas problemáticas e temáticas, daí que a história da ciência e da medicina tenha aparecido como um campo a ser explorado. Em Portugal, o número de estudos neste âmbito tem vindo a crescer, e o século XX, que neste capítulo importa especialmente, tem sido analisado de diferentes perspectivas, de que são exemplo alguns estudos académicos (ALMEIDA, 2017; COSTA, 2018), outras publicações que analisam a evolução da medicina ao longo da história (ALVES, 2014; VELOSO, 2017) ou ainda um conjunto de publicações periódicas de enorme importância para o avanço do conhecimento neste campo: os *Cadernos de Cultura História da Medicina na Beira Interior*, o *Bulletin of the History of Medicine* e a revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.

Sem a medicina como principal tema, têm sido desenvolvidas outras investigações que ajudam a explicar o contexto (científico) em que trabalharam os médicos portugueses que, à semelhança de Fernando da Silva Correia, mantinham uma intensa actividade intelectual: vejam-se os trabalhos de Tiago Brandão (2015), de Ângela Salgueiro (2015) e de Quintino Lopes (2017). Outros temas intimamente dependentes da preservação dos arquivos de cientistas e médicos foram identificados pelos historiadores brasileiros Iumatti e Nicodemo (2018, p. 100): “1. A ideia de ‘redes’ intelectuais; 2. A historicidade da relação entre intelectuais e esfera pública; 3. Os processos de criação; e, finalmente, 4. O arquivo pessoal como memória retrospectiva”. O primeiro destes temas tem sido especialmente explorado em Portugal por Maria Fátima Nunes (NUNES, 2012; NUNES et al., 2014), e também internacionalmente foi abordado. (BROCKLISSE, 2004; FLOYD, 2019)

---

5 “published work and the records of public bodies”, “include the valuable information contained in correspondence, diaries, and – particularly – the original laboratory notebooks of individual scientists”.

## “Homem que é de mil e um afazeres”:<sup>6</sup> a correspondência vinda desse lado do Atlântico

*Letters have always been a temptation, as revealing signposts into the past, to historians and other scholars.*

(COX, 2010)

Com vista a analisar o arquivo e o seu principal produtor através da história da ciência, estão já definidas algumas possibilidades de estudo, que não serão aqui exploradas. No entanto, pareceu relevante, já que um dos objectivos dos encontros Medinfor também é criar pontes entre Portugal e o Brasil, apresentar brevemente um pequeno conjunto de correspondência (já identificada), que faz parte da documentação do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia e que permite estabelecer esta relação. No projecto de investigação em curso, a correspondência é encarada como a principal fonte para a construção da rede de identidade(s) científica(s) deste médico e constitui um importante meio para conhecer as figuras da ciência e saúde, suas contemporâneas, com quem se relacionou, ajudando a mapear a comunicação e a troca de conhecimentos nacionais e internacionais.

Em 2010, Richard Cox escrevia que, mais do que a perda de “pessoalidade” que se verifica com a substituição da correspondência manuscrita pelo correio electrónico, o estudo da correspondência ajudaria a expandir o conhecimento sobre “as ferramentas utilizadas para produzir a correspondência e as tradições associadas à sua forma e função”.<sup>7</sup> E mencionava já alguns trabalhos de investigação a partir da correspondência, centrados na história: “dos livros”, da “correspondência feminina em França no século XVIII”, das cartas de imigrantes e das “redes de história natural”. (COX, 2010, p. 374, 377, 383, tradução nossa)

Em 2018, Lumatti e Nicodemo (2018, p. 114) consideraram que “o documento privilegiado na grande maioria das pesquisas que se valem de acervos pessoais é a correspondência”. Em 2004, o volume 61 da revista suíça de história da medicina *Gesnerus* foi dedicado ao estudo da correspondência de médicos. Hubert Steinke e Martin Stuber consideraram que a correspondência não tinha ainda sido grandemente estudada, mas que despertava o interesse dos historiadores, existindo, por exemplo, investigadores que estudavam “grandes colecções de correspondência, como, por exemplo, a correspondência completa de um

---

6 Expressão utilizada por Ivolino de Vasconcelos na carta mandada do Rio de Janeiro, a 31 de dezembro de 1957 (PT/PH – CR/FSC 2675-5).

7 “the tools used to create them and the traditions dictating their form and function”.



académico”.<sup>8</sup> (STEINKE; STUBER, 2004, p. 139, tradução nossa) Mais do que esta ideia de que a correspondência tem ganho o seu lugar na historiografia, é interessante perceber que estes autores dão importância ao tratamento arquivístico destes conjuntos. Estes autores consideraram ainda que a correspondência, além de responder a questões relacionadas com a biografia, as actividades ou o carácter e pensamento de uma personalidade, servia igualmente “para explicar aspectos sociais básicos da sua vida e do seu tempo”.<sup>9</sup> (STEINKER; STUBER, 2004, p. 139-140) Explicaram também como alguns académicos entendiam a “escrita de correspondência” como parte do seu trabalho, servindo como meio de discussão de assuntos médicos, como: “doença e saúde”, “ciência” e “saúde pública”.

No caso português, a correspondência nos arquivos pessoais foi também mencionada na tese de doutoramento de Zélia Pereira (2018): uma passagem pelas breves descrições dos arquivos que a autora faz mostra como a correspondência é uma parte fundamental dos arquivos pessoais e dá conta do seu tratamento mais comum.

Entre a extensa correspondência recebida por Fernando da Silva Correia, que completa um conjunto de cerca de 9 mil documentos, existem 13 que ligam este arquivo (e o médico, seu produtor) ao Brasil. A maioria destes documentos tem origem no trabalho que desenvolveu entre 1946 e 1961 no ISHRJ, que o colocou em relação com outras instituições de saúde do mundo. Antes de analisar esta correspondência, vale a pena perceber melhor em que consistia o trabalho de Fernando da Silva Correia no referido instituto. Além da consulta do arquivo que aqui constitui o principal objeto de estudo, são também fontes importantes para definir o trabalho deste médico, neste período em particular, o Boletim do ISHRJ (publicado entre 1946 e 1953) e o Boletim dos Serviços de Saúde Pública (a partir de 1954). Tendo em conta o que o próprio médico escreveu sobre o instituto e o seu trabalho em particular, esta breve explicação divide-se em três momentos: em primeiro lugar, conta a história do instituto até 1946; segue-se o relato e análise das conquistas efectuadas e as dificuldades sentidas até 1957; e termina com o balanço menos positivo que fez sobre os 15 anos de direcção em 1961.

O período de Fernando da Silva Correia como diretor do ISHRJ iniciou-se com a sua tomada de posse a 24 de janeiro de 1946. Por essa altura, o médico já conhecia as instalações e os serviços do ISHRJ, já que entre 1935 e 1936 aí leccionara no curso de Administração Sanitária. Começou por visitar “as suas dependências e ouvir todos os seus funcionários”,

---

8 “larger collections of letters as for instance the whole correspondence of a scholar”.

9 “to explain manifold social aspects of his life and time”.

registando a 2 de fevereiro as suas primeiras impressões e concluindo que o instituto era a “obra ainda do seu fundador”, que “Não pôde [...] pôr em prática tudo o que planeara tão inteligentemente, já por falta de verbas, já devido a resistências várias”. (CORREIA, 1946b, p. 84)

No primeiro semestre, o novo director pretendia proceder a uma conveniente limpeza e arrumação do edifício, à preparação de novos e mais diversificados cursos, à avaliação e ao aproveitamento dos meios existentes para cumprimento das obrigações legais do instituto, à organização de actividades que promovessem o “culto pela memória” de Ricardo Jorge, à elaboração de um “relatório estatístico do movimento da Secretaria” que incluísse a contagem das análises laboratoriais efectuadas e, por fim, pretendia a publicação de um boletim do instituto. (CORREIA, 1946a) No entanto, o trabalho efectuado no edifício parece ter sido insuficiente, já que a 16 de agosto de 1952, Fernando da Silva Correia dava conta da “Necessidade dum edifício próprio”,<sup>10</sup> ao descrever a situação do edifício concluía que esse “é manifestamente insuficiente, quer na área quer em boa iluminação e arejamento de algumas das suas dependências fundamentais, expondo o pessoal a trabalhar em más condições higiénicas”.<sup>11</sup>

Um dos objectivos da direcção de Fernando da Silva Correia foi proceder ao “Estudo da evolução do Instituto, desde a sua criação oficial em 1899 [...], para apreciar devidamente os obstáculos opostos ao seu regular funcionamento e lógico progresso, de modo a aproveitar-se a lição da sua história”. (CORREIA, 1946b, p. 81-116) Em 1952, quando o ISHRJ celebrava 50 anos de existência, este seu director não perdeu a oportunidade para dar a conhecer novos aspetos da história da instituição (CORREIA, 1952) e de, com conhecimento de causa – visitou vários institutos de higiene na Europa –, afirmar o prestígio da obra de Ricardo Jorge.<sup>12</sup>

Em vários documentos do arquivo, são referidos inúmeros aspetos da constituição do Instituto Central de Higiene a 28 de dezembro de 1899 e inaugurado em 1902.<sup>13</sup> Instalara-se no Palácio Palha sob a direcção de Ricardo Jorge e tinha quatro secções: ensino sanitário, biblioteca, museu de higiene e laboratório. (CORREIA, 1946, p. 40-47) Em 1914, “foi transferido para a sua actual sede no Campo dos Mártires da Pátria, deixando de pertencer ao Ministério do Interior para ficar anexo à Faculdade de Medicina”<sup>14</sup> da Universidade de Lisboa. A 17 de maio de 1929, retornou ao Ministério do Interior, o que, segundo Fernando da Silva

---

10 PT/PH – CR/FC (caixa) 92, (documento) 1965, p. 1.

11 PT/PH – CR/FC (caixa) 92, (documento) 1965, p. 2.

12 Conferência realizada na Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária a 3 de abril de 1952.

13 PT/PH – CR/FC (caixa) 82, (documento) 1781, p. 1.

14 PT/PH – CR/FC (caixa) 136, (documento) 2763, s.p.

Correia, permitiu usufruir de melhor forma das “instalações e pessoal”.<sup>15</sup> Numa das lições que proferiu no ISHRJ, Fernando da Silva Correia sintetizou as funções que a instituição teria inicialmente: “O ensino e formação sanitária de médicos e engenheiros”; a “Promoção de trabalhos de higiene e introdução de melhoramentos de aplicação sanitária”; a “Educação sanitária” através de conferências e visitas ao museu do instituto; a “Realização de análises laboratoriais exigidas pelas inspecções sanitárias” e o estudo de problemas sanitários.<sup>16</sup>

Na lição proferida pelo director na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde, a 11 de junho de 1957, foi apresentado um resumo da evolução do instituto. O director enumerou as conquistas dos seus 11 anos na direcção do ISHRJ, compondose elas dos dez pontos seguintes:

- 1) a ampliação de “todos os serviços já existentes, ocupando todas as salas do edifício”;
- 2) a nomeação do “pessoal técnico” necessário;
- 3) o apetrechamento de “todos os laboratórios com material do melhor”;
- 4) a atribuição de subsídios para viagens “ao estrangeiro de muitos dos seus técnicos”;
- 5) impulso à biblioteca;
- 6) a publicação dos “41 números do Boletim”;
- 7) a colaboração “em trabalhos no Boletim das Serviços de Saúde Pública”;
- 8) a reorganização administrativa do instituto;
- 9) a realização de novos cursos e de conferências sobre assuntos de interesse para a saúde pública;<sup>17</sup> e
- 10) a criação de uma delegação do Instituto no Porto.<sup>18</sup>

E ainda nesta lição, o director mostrou aos novos alunos qual a finalidade de um Instituto de Higiene:

---

15 PT/PH – CR/FC (caixa) 82, (documento) 1781, p. 1.

16 “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, em 11 de junho de 1957. PT/PH – CR/FC (caixa) 36, (documento) 979.

17 Até 1958, funcionaram os cursos de Medicina Sanitária, de Visitadoras Sanitárias e de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde. Fernando da Silva Correia escreveu sobre o movimento destes cursos nos relatórios elaborados anualmente e publicados nos boletins já mencionados. “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, em 11 de junho de 1957. PT/PH – CR/FC (caixa) 36, (documento) 979, p. 3.

18 “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, em 11 de junho de 1957. PT/PH – CR/FC (caixa) 36, (documento) 979, p. 12-13.

consiste no conjunto de instalações, pessoal habilitado, material, livros e todos os mais elementos necessários e utilizáveis para se estudarem e ensinarem os meios de defender a Saúde, promover a robustez e normal funcionamento do organismo individual ou do homem como membro de qualquer grupo social e de evitar as doenças e tudo o que possa contribuir para perturbar a Fisiologia normal, adaptando esta aos diversos meios em que ele tem de viver.<sup>19</sup>

Terminados os 15 anos na direcção do ISHRJ, Fernando da Silva Correia elaborou um “Exame de Consciência”,<sup>20</sup> que, à semelhança dos relatórios efectuados em todos os anos de direcção, procurou fazer um balanço das actividades desenvolvidas. No entanto, ao contrário do tom positivo que sempre o acompanhou, neste texto, publicado no número 92 da revista *Semana Médica*, em 29 de janeiro de 1961, o antigo director mostrou alguma decepção com os resultados. Em 1961, o ISHRJ não era ainda a “instalação condigna” que Fernando da Silva Correia desejava, apesar das várias obras e adaptações efectuadas. O antigo director afirmou ter procurado apetrechar o instituto de forma adequada às funções que lhe estavam previstas, apoiando todas as requisições de material e destacando a “criação dum Dispensário polivalente para prática e estágio dos alunos do Curso de Medicina Sanitária”. Através de inúmeros eventos, publicações e das actividades organizadas no âmbito das comemorações do centenário do nascimento de Ricardo Jorge em 1958, o antigo director procurou fazer o “Culto pela alta figura mental e profissional do patrono do Instituto”. Fernando da Silva Correia considerou que o trabalho desenvolvido no ISHRJ não era reconhecido por várias entidades nacionais, apesar dos esforços desenvolvidos por toda a equipa. “A investigação científica no campo sanitário não alcançou a intensidade ou o nível que poderia”.

No campo pedagógico, considerou que os únicos resultados alcançados foram os que dependiam somente dele próprio. Lamentou não ter criado um ambiente favorável à organização sistemática de brigadas de estudo de problemas sanitários; não ter criado o curso de Administração Hospitalar; não ter proporcionado o “ambiente [necessário] para a criação dum centro de educação sanitária”; não ter conseguido impedir que o curso de Visitadoras Sanitárias e o boletim do instituto se extinguissem; não ter conseguido mostrar aos professores a importância das aulas práticas; e ainda a impossibilidade de “criar ambiente para a

---

19 “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, em 11 de junho de 1957. PT/PH – CR/FC (caixa) 36, (documento) 979, p. 1.

20 PT/PH – CR/FC (caixa) 2, (documento) 45, segundo este documento manuscrito, o texto posteriormente publicado foi escrito no dia 1º de janeiro de 1961, entre as 6h45 e as 8h45 da manhã.

realização da II Semana Portuguesa de Higiene” nos moldes em que se realizara a primeira, em 1931.

Destes 15 anos de trabalho no ISHRJ, destacam-se então, para já, seis cartas<sup>21</sup> que foram remetidas pelo professor Ivolino de Vasconcelos (1917-1995), entre 1954 e 1957, do Rio de Janeiro, a partir do Instituto Brasileiro de História da Medicina (IBHM).<sup>22</sup>

Durante os referidos anos, o médico Ivolino de Vasconcelos era presidente do IBHM e dirigia a *Revista Brasileira de História da Medicina*. (AMOROSO, 2019, p. 11) Isso explica que cinco das seis cartas tenham como cabeçalho o nome do instituto e da Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins, que tinha sede no próprio IBHM. (AMOROSO, 2007, p. 260) A partir destes documentos, somos informados de alguns aspetos da história e situação do IBHM, como, por exemplo, a sua fundação a 30 de novembro de 1945 ou de que estava reconhecido como associação de utilidade pública desde 1951. Por outro lado, duas das cartas estão acompanhadas de um cartão de visita do próprio médico, professor do IBHM e da Faculdade Nacional de Medicina do Universidade do Brasil. A maioria das cartas foram remetidas para o ISHRJ.

De uma forma geral, o intuito da correspondência enviada era informar Fernando da Silva Correia, enquanto director do ISHRJ e investigador da história da medicina, de algumas das actividades do IBHM, por exemplo: a 26 de março de 1957, o professor Ivolino de Vasconcelos escreveu a pedir a presença do médico português no I Congresso Pan-Americano de História da Medicina, acrescentando que o médico Augusto de Esaguy (1899-1961),<sup>23</sup> amigo de Fernando da Silva Correia, já tinha prometido comparecer. Nessa mesma carta, o médico brasileiro mostrou estar a par da preparação das comemorações para assinalar o centenário do nascimento de Ricardo Jorge, assim como das actividades científicas e médicas na Europa, já que procurou incentivar o seu destinatário a participar no XVI Congresso Internacional de História da Medicina, que iria decorrer em Montpellier (França) em outubro do ano seguinte.

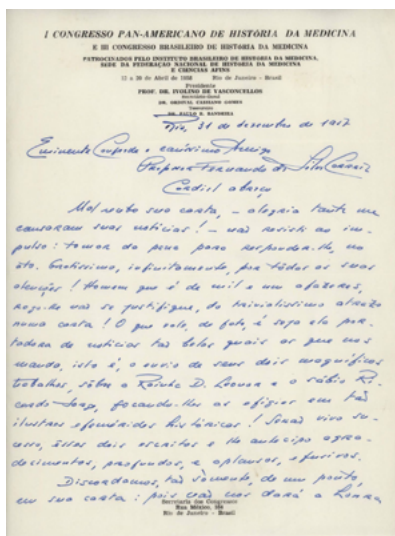
---

21 As restantes cartas foram enviadas por Carlos Cília (PT/PH – CR/FSC C4006); Carlos Balbino Dias, antigo cônsul honorário do Brasil (PT/PH – CR/FSC C6780); pelo Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil (PT/PH – CR/FSC 1631-34); pelos médicos do Serviço de Reumatologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro (PT/PH – CR/FSC 1631-32); pelo médico Pedro Nava (PT/PH – CR/FSC 2262-7 e PT/PH – CR/FSC 1631-48); e pelo médico Ariosto Büller Souto (PT/PH – CR/FSC C1924).

22 Correspondência de Ivolino de Vasconcelos: 30 de novembro de 1954 (PT/PH – CR/FSC C1237); 18 de outubro de 1955 (PT/PH – CR/FSC 2675-10); 26 de março de 1957 (PT/PH – CR/FSC 2675-4); 14 de abril de 1957 (PT/PH – CR/FSC 2675 – 3); 12 de julho de 1957 (PT/PH – CR/FSC 2675-7); e 31 de dezembro de 1957 (PT/PH – CR/FSC 2675-5).

23 Deste médico existem no conjunto documental 25 cartas, enviadas entre 1932 e 1961.

Figura 3 – Pormenor da carta expedida por Ivolino de Vasconcelos a 31 de dezembro de 1957 (PT/PH – CR/ FSC 2675-5)



Fonte: PH – Grupo de Estudos.

### “Quem estima mais o património é a comunidade local”<sup>24</sup>

Para pensar as formas de difusão deste património documental, um dos aspetos que primeiro será tido em conta é a sua situação actual, no que diz respeito, em particular, à sua pertença a uma associação que se assume numa encruzilhada entre centro de investigação e associação de defesa de património. Isso leva-nos a distingui-la como uma primeira comunidade que já perpetuou, por si própria, práticas para a difusão e transmissão de memória a partir deste arquivo através de diferentes iniciativas.

Vejam-se alguns exemplos. Logo em 1993, foi organizada uma exposição biobibliográfica para evocar o centenário do nascimento do seu produtor. Em 1995, foi publicada uma obra inédita de Fernando da Silva Correia, *Pergaminhos das Caldas*. E, mais recentemente, em 2018, o registo fotográfico deste tenente-médico foi exposto para assinalar o centenário da Grande Guerra (1914-1918). (AA.VV., 2018) Até agora, a maioria destas iniciativas foram de âmbito local, e o que se pretende em última instância é que, a partir do tratamento do arquivo e do seu estudo, seja possível a sua integração nos circuitos patrimoniais (também) regionais, nacionais e internacionais.

24 Entrevista à Dr.ª Natália Correia Guedes, 3 de fevereiro de 2018. (RIBEIRO, 2018, p. xxvi-xxvii)

Ilustrando apenas com alguns casos pontuais, é cada vez mais fácil distinguir a relação entre os arquivos e o património. É claro o entendimento do valor patrimonial dos arquivos (GALLEGO DOMINGUEZ, 1993) e, no caso dos arquivos privados, o interesse particular dos proprietários ou de entidades como a Associação Portuguesa dos Arquivos Históricos Privados e o desenvolvimento de projectos como o da equipa Arquivos de Família (ARQFAM), sediada na FCSH-NOVA, têm proporcionado uma abertura à valorização e divulgação destes conjuntos documentais.

No seio da investigação em arquivística histórica, Maria de Lurdes Rosa (2012, p. 15) considerou que os arquivos familiares pelo seu

[...] valor patrimonial e testemunho de memória [...] se revelam um objecto de análise particularmente rico para o conhecimento da sociedade actual e das já passadas, situado no cruzamento de áreas como o património comunitário, as buscas de identidade, as modificações nas relações entre saberes, a interrogação da interpretação histórica.

Para a autora, o seu processo de patrimonialização permite a construção de memória e a definição dos arquivos enquanto activo capaz de integrar as “redes internacionais”, que, na área da “indústria de conteúdos culturais”, desenvolvem o “turismo cultural”. (ROSA, 2016, p. 315) Este processo de valorização patrimonial pode passar por “acções de dinamização cultural e científica”, de que são exemplos: exposições, colóquios”. (ROSA, 2009, p. 25-26) Outros autores alargaram as propostas de divulgação destes arquivos; por exemplo, no número 31 da revista *Archivaria*, Timothy Ericson escreveu sobre a relação entre “divulgação e arquivistas”, identificando um “programa em progresso que pode consistir em apresentações públicas, brochuras, guias, recursos media, monitores, audiovisuais, exercícios curriculares, novos lançamentos e outras actividades – o que quer que seja apropriado os nossos objectivos e aos da entidades que servimos”. (ERICSON, 1990, p. 114-117, tradução nossa) Maria João Sousa (2012, p. 502-503) destacou a importância “da divulgação dos conteúdos”, enquanto forma de minimizar a possibilidade de perda dos arquivos, que são um “património em risco”, associando a divulgação à preservação, dando como exemplo a possibilidade de, através de “depósitos em instituições públicas” ou “parcerias com universidade”, se realizarem tarefas como “digitalizar, inventariar, descrever os documentos e proceder à divulgação dos seus conteúdos”.

Outro dos aspetos a ter em conta quando se fala de património e, neste caso de arquivos é o impacto que estes podem ter no meio local e entre a(s) comunidade(s) que o pode(m) valorizar. Almeida (1999, p. 11-12) considerou que a região pode ser um “espaço de confluência

das vivências pessoais e comuns [qu]e dê lugar à formação de memória, dos imaginários, das sensibilidades e dos gostos individuais ou colectivos” e, na opinião do autor, assim “a região humaniza-se e estes elos transformam-se numa cadeia de solidariedades profundas que alimentam a enxameação dos homens”. David Lowenthal afirmou que “evidências arquivadas de continuidade cultural podem ser cruciais enquanto ‘tribal bona fides’ ou para sustentar a tradição local contra as pressões globais”.<sup>25</sup> (LOWENTHAL, 2007, p. 193)

Mais recentemente, a relação arquivos-comunidade tem sido bastante desenvolvida através da criação dos chamados arquivos de comunidade. (BASTIAN; ALEXANDER, 2009; BASTIAN; FLINN, 2020) Para Joanna Newman (2011, p. 89), os arquivos de comunidade “reflectem a nossa cultura e identidades e são por isso uma importante parte do nosso património”.<sup>26</sup> Acrescentou ainda algumas características necessárias à sustentabilidade destes conjuntos: “financiamento da governança, equipa qualificada, colaborações, dinamismo, práticas arquivísticas, relação com a comunidade”.<sup>27</sup> (NEWMAN, 2011, p. 89, tradução nossa)

O volume 16 do *International Journal of Heritage Studies*, publicado em 2010, foi subordinado ao tema “Heritage and Community Engagement: Collaboration or contestation?”. Elizabeth Crooke (2010) apresentou a relação entre a comunidade e o património como sendo, para alguns, tão natural que quase não precisa de justificação ou explicação, propondo, precisamente, que se olhe criticamente para esta relação, percebendo o seu significado, as suas motivações, a sua autoridade e valor de ambos os lados. Mary Stevens, Andrew Flinn e Elizabeth Shepherd (2010, tradução nossa) procuraram, através das metodologias da etnografia, explorar a relação entre os “arquivos financiado publicamente no Reino Unido e os ‘arquivos de comunidade’ independentes”,<sup>28</sup> que, na sua opinião, permite perceber o papel dos arquivos na sociedade. Num outro número desta revista, Leidulf Mydland e Wera Grahn (2012) procuraram identificar os valores do património nas comunidades locais, destacando, por exemplo, o papel dos voluntários na preservação do património em pequenas comunidades. A sua análise estendeu-se ainda à forma como as autoridades locais incrementam e cooperam na salvaguarda patrimonial.

A relação com as comunidades locais tem também fomentado a ligação entre o património cultural e a sustentabilidade, assunto que numa investigação desta natureza, em

---

25 “Archived evidence of cultural continuity can be crucial as tribal bona fides or to sustain local tradition against global pressures”.

26 “reflect our culture and identity and are therefore an important part of our heritage”.

27 “governance, funding, skilled staff, collaboration, dynamism, preservation, archival practices, community engagement”.

28 “publicly-funded archives in the UK and independent ‘community archives’”.



pleno século XXI, não pode ser desconsiderado. Esta é a opinião de Marie-Theres Albert (2015, p. 11, tradução nossa), que considerou que com a “demanda global pela sustentabilidade advém a demanda não apenas por entender melhor o significado do património, mas também a função do património nestes processos de transformação”.<sup>29</sup> Para Ron van Oers (2015, p. 190, tradução nossa), o “património vivo” é uma “fonte para o desenvolvimento sustentável da comunidade local, que se tornou uma lente através da qual a gestão do património cultural tem sido concebida nos dias de hoje”.<sup>30</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentou-se o arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, assim como o projecto de investigação que pretende tratá-lo, estudá-lo e difundi-lo, tendo em conta não só o actual contexto em que o estudo de arquivos pessoais de cientistas e médicos tem sido desenvolvido, mas associando estes conjuntos documentais também às áreas de investigação da história da ciência e da medicina e dos estudos de património. Além do carácter multi-inter e transdisciplinar que este projecto assume e que, por isso, se relaciona densamente com a proposta de preservação da memória através dos documentos que os encontros Medinfor e o projecto *SiS Médicos e a Cultura* têm perpetuado, também procurou vislumbrar aqui um pequeno exemplo da relação que é possível estabelecer entre os arquivos portugueses e brasileiros.

No presente capítulo, convergem ideias provenientes de um projecto ainda embrionário que, no âmbito do doutoramento em Arquivística Histórica na FCSH-NOVA, será desenvolvido nos próximos anos.

## REFERÊNCIAS

AA.VV. *Um médico na grande guerra*. Fernando da Silva Correia. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, 2018.

ALBERT, M.-T. Mission and Vision of Sustainability Discourses in Heritage Studies. In: ALBERT, M.-T. *Perceptions of sustainability in heritage studies*. Alemanha: De Gruyter, 2015. p. 11-20.

---

29 “global demands for sustainability come demands to not only better understand the significance of heritage, but also the function of heritage within these transformation processes”.

30 “living heritage” é uma “resource for local community-based sustainable development has become the lens through which cultural heritage management is currently being conceived”.

- ALMEIDA, A. A. M. de. Teoria e prática em história regional e local. In: ALMEIDA, A. A. M. de. *O património local e regional: subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Departamento do Ensino Secundário-Ministério da Educação. Lisboa: [s. n.], 1999. p. 11-18.
- ALMEIDA, A. da S. *A saúde no estado novo de Salazar (1933-1968): políticas, sistemas e estruturas*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.
- ALVES, M. V. *História da medicina em Portugal: origens, ligações e contextos*. Porto: Porto Editora, 2014.
- AMOROSO, M. Diálogos entre Clio e Asclépio: Ivolino de Vasconcellos e a Revista Brasileira de História da Medicina. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 259-268, mar. 2007.
- AMOROSO, M. H. de B. A importância de Ivolino de Vasconcellos e do IBHM na consolidação da historiografia médica brasileira. *Revista Cantareira*, Niterói, v. 0, n. 6, 5 fev. 2019.
- BASTIAN, J. A.; ALEXANDER, B. *Community archives: the shaping of memory*. [S. l.]: Facet Publishing, 2009.
- BASTIAN, J. A.; FLINN, A. *Community archives, community spaces: heritage, memory and identity*. [S. l.]: Facet, 2020.
- BOOTH, C.; SHEPPARD, J.; TANSEY, E. M. Archives of contemporary medicine and science: are important if we want historians to assess our times. *British Medical Journal*, London, v. 301, p. 1408, 1990.
- BORJA DE AGUINAGALDE, F. Archivos de família, archivos domésticos. Retos y oportunidades en un entorno de cambios. *Actas do 4.º congresso internacional casa nobre - um património para o futuro*, p. 590-603, 2017.
- BRANDÃO, T. *Da organização da ciência à política científica em Portugal, 1910-1974: a emergência da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- BROCKLISSE, L. La République des lettres et les médecins en France à la vielle de la révolution: le cas d'Esprit Calvet. *Generus*, [s. l.], n. 61, p. 254-281, 2004.
- CÂNDIDO, P. *Arquivo pessoal de Fernando da Silva Correia*. [S. l.: s. n.], 1999.
- CORREIA, F. da S. *No cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge*. Lisboa: Tip. Imprensa Médica, 1952a.
- CORREIA, F. da S. 1858-1958. No centenário de Ricardo Jorge. Ricardo Jorge julgado pelos seus contemporâneos. *Boletim da Assistência Social*, [s. l.], n. 135-138, 1959.
- CORREIA, F. da S. A lição da história - Evolução geral do Instituto Superior de Higiene. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge*, Coimbra, v. 1, p. 40-47, 1946a.
- CORREIA, F. da S. Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge. *Imprensa Médica*, [s. l.], 1952b.
- CORREIA, F. da S. O actual Instituto Superior de Higiene (relatório). *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge*, Coimbra, v. 1, p. 81-116, 1946b.
- CORREIA, F. da S. *Pergaminhos das Caldas*. Caldas da Rainha: Património Histórico - Grupo de Estudos, 1995.
- COSTA, R. M. P. *Ricardo Jorge: ciência, humanismo e modernidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

- COX, R. J. Yours ever (well, maybe): studies and signposts in letter writing. *Archival Science*, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 373-388, 1 dez. 2010.
- CROOKE, E. The politics of community heritage: motivations, authority and control. *International Journal of Heritage Studies*, Quebec, v. 16, n. 1-2, p. 16-29, 2010.
- DUARTE, Z. Prefácio. In: PESTANA, O.; RIBEIRO, F.; SILVA, A. M. da. *Medicina e informação: olhares luso-brasileiro*. Porto: Afrontamento, 2014. p. 5-7.
- DUARTE, Z.; FARIAS, L. *A medicina na era da informação*. Salvador: Edufba, 2009.
- DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da. “Metainformação sobre metainformação” em sistemas de informação pessoais: os médicos e a cultura de Portugal e da Bahia. In: PESTANA, O.; RIBEIRO, F.; SILVA, A. M. da. *Medicina e informação: olhares luso-brasileiros*. Porto: Afrontamento, 2014. p. 405-414.
- ERICSON, T. L. “Preoccupied with our own gardens”: Outreach and archivists. *Archivaria*, Ottawa, v. 31, 1 jan. 1990.
- FLOYD, C. *A social network and text analysis of Charles Darwin's correspondence, 1835-1842*. Thesis – [S. l.: s. n.], 2019.
- GALLEGO DOMINGUEZ, O. *Manual de archivos familiares*. Madrid: Anabad, 1993.
- GUEDES, G. M. F. Fundos pessoais e familiares do Arquivo da Universidade de Coimbra: ponto de partida para questões e reflexões. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 30, p. 517-546, 2017.
- IUMATTI, P. T.; NICODEMO, T. L. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.
- LOPES, Q. M. J. *A Junta de Educação Nacional (1929/36): traços de europeização na investigação científica em Portugal*. Tese (Doutorado em História e Filosofia) – Universidade de Évora, Évora, 2017.
- LOWENTHAL, D. Archives, heritage and history. In: BLOUIN, F. X.; ROSENBERG, W. G. (ed.). *Archives, documentation and institutions of social memory*. Essays from the Sawyer. [S. l.]: The University of Michigan Press, 2007. p. 193-206.
- MYDLAND, L.; GRAHN, W. Identifying heritage values in local communities. *International Journal of Heritage Studies*, Plymouth, U.K., v. 18, n. 6, p. 564-587, 2012.
- NEWMAN, J. Sustaining community archives. *COMMA – International Journal on Archives*. *Archives Recordkeeping in Australasia and Oceania*, n. 1, p. 89-101, 2011.
- NUNES, M. de F. Cientistas em acção: congressos, práticas culturais e científicas (1910-1940). In: NETO, v. *República, Universidade e Academia*. [S. l.]: Almedina Editora, 2012. p. 291-312.
- NUNES, M. F. et al. *Internacionalização da ciência: internacionalismo científico*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014.
- OERS, R. Cultural heritage management and sustainability. In: ALBERT, M.-T. *Perceptions of sustainability in heritage studies*. Alemanha: De Gruyter, 2015. p. 189-202.

OLIVEIRA, A. H. de (ed.). *Resenha bibliográfica da importante e valiosa biblioteca formada pelo ilustre médico e higienista Dr. Fernando da Silva Correia*. Porto: Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria, 1969.

PEREIRA, Z. M. C. *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Documentação) – Universidade de Évora, Évora, 2018.

PESTANA, O.; RIBEIRO, F.; SILVA, A. M. da. *Medicina e informação: olhares luso-brasileiros*. Porto: Afrontamento, 2014.

RIBEIRO, J. C. B. “*Há correias que imprimem movimento*”: o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966). 4 dez. 2018.

RODRIGUES, A. Os arquivos pessoais e familiares em Portugal: uma reflexão crítica dos últimos vinte anos. *Actas I Encontro da Fundación Olga Gallego: arquivos privados de personas e familias*. Unha ollada á Fundación Penzol. Galiza: FOG, 2017.

ROLLO, M. F. et al. História e memória da ciência e da tecnologia em Portugal: o arquivo de ciência e tecnologia da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 25, p. 233-261, 2012.

ROSA, M. de L. Apresentação. Arquivos de família: para um roteiro de temas e problemas. In: ROSA, M. de L. *Arquivos de família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012. p. 15-30.

ROSA, M. de L. Arquivos de família – o que são, para que servem, como preservá-los e estudá-los. In: *Actas do 3.º congresso internacional Casa Nobre – Um património para o futuro*. Arcos de Valdevez: [s. n.], 2016. p. 315-323.

ROSA, M. de L. Problemáticas históricas e arquivísticas actuais para o estudo dos arquivos de família portugueses (Épocas Medieval e Moderna). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Coimbra, v. 9, p. 9-42, 2009.

ROSA, M. de L. Reconstruindo a produção, documentalização e conservação da informação organizacional pré-moderna: perspectivas teóricas e proposta de percurso de investigação. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 30, p. 547-586, 2017.

ROSA, M. de L. (coord.) et al. *Recovered voices, newfound questions: family archives and historical research*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

SALGUEIRO, Â. *Ciência e universidade na I República*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

SILVA, A. B. M. da. Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Ciências e Técnicas do Património: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, Série I, n. 3, p. 55-84, 2004.

SILVA, M. C. S. de M.; TRANCOSO, M. C. D. Produção documental de cientistas e a história da ciência: estudo tipológico em arquivos pessoais. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 849-861, set. 2015.

SILVA, S. C. Reynaldo dos Santos (1880-1970): entre o internacionalismo científico e o “diletantismo” artístico. In: SALGUEIRO, A.; NUNES, M. F.; ROLLO, M. F.; LOPES, Q. *Internacionalização da ciência: internacionalismo científico*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. p. 151-162.

STEINKE, H.; STUBER, M. Medical correspondence in early modern Europe: an introduction. *Gesnerus*, [s. l.], n. 61, p. 139-160, 2004.

STEVENS, M.; FLINN, A.; SHEPHERD, E. New frameworks for community engagement in the archive sector: from handing over to handing on. *International Journal of Heritage Studies*, Plymouth, U.K., v. 16, n. 1-2, p. 59-76, 2010.

VELOSO, A. J. B. *Médicos e sociedade: para uma história da medicina em Portugal no século XX*. Lisboa: By the book, 2017.